

A. W. PINK



# Como Saber Se Sou Um Eleito De Deus?

ou

A Percepção da Eleição



**Como Saber se Sou  
um Eleito de Deus?**

**ou**

**A Percepção da Eleição**

POR A. W. Pink

---

Traduzido do original em Inglês  
*The Doctrine of Election*  
By A. W. Pink

A presente tradução consiste somente no Capítulo 9, *Its Perception*, da obra supracitada

Via: PBMinistries.org  
(Providence Baptist Ministries)

Tradução por Camila Almeida  
Revisão e Capa por William Teixeira

1ª Edição: Dezembro de 2014

Salvo indicação em contrário, as citações bíblicas usadas nesta tradução são da versão Almeida Corrigida Fiel | ACF • Copyright © 1994, 1995, 2007, 2011 Sociedade Bíblica Trinitariana do Brasil.

---

Traduzido e publicado em Português pelo website oEstandarteDeCristo.com, com a devida permissão do ministério Providence Baptist Ministries, sob a licença Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 International Public License.

Você está autorizado e incentivado a reproduzir e/ou distribuir este material em qualquer formato, desde que informe o autor, as fontes originais e o tradutor, e que também não altere o seu conteúdo nem o utilize para quaisquer fins comerciais.

---

# Como Saber se Sou um Eleito de Deus?

ou

## A Percepção da Eleição

Por A. W. Pink

[Capítulo 9 do livro The Doctrine of Election • Editado]

Até agora temos permanecido principalmente no lado doutrinal da eleição; agora nos voltamos mais diretamente ao seu aspecto experimental e prático. Toda a doutrina da Escritura é uma unidade perfeita e harmoniosa, mas para nossa compreensão mais clara da mesma, ela pode ser considerada distintamente em suas partes componentes. Estritamente falando, é inadmissível falar de “doutrinas da graça”, pois há apenas uma grande e Divina Doutrina da Graça, embora o precioso diamante tenha muitas facetas em si. Nós não somos assegurados pela linguagem da Sagrada Escritura para empregar a expressão de doutrinas da eleição, da regeneração, da justificação e da santificação, pois na realidade elas são apenas partes de uma doutrina; entretanto, não é fácil encontrar um termo alternativo. Quando o plural “doutrinas” é usado na Palavra de Deus, isso faz alusão ao que é falso e errôneo: “doutrinas dos homens” (Colossenses 2:22), “doutrinas de demônios” (1 Timóteo 4:1), “doutrinas várias e estranhas” (Hebreus 13:9) — “diversas”, porque não há acordo entre elas.

Ao contrário das doutrinas falsas e conflitantes dos homens, a verdade de Deus é um grande e consistente todo, e é uniformemente citado como “a doutrina” (1 Timóteo 4:16), “sã doutrina” (Tito 2:1). Sua marca distintiva é descrita como “a doutrina que é segundo a piedade” (1 Timóteo 6:3) — a doutrina que produz e promove a piedade. Cada parte desta doutrina é intensamente prática e experimental em todos os seus aspectos. Não é mera abstração dirigida ao intelecto, mas, quando devidamente apreendida, exerce uma influência espiritual no coração e na vida. Assim, é com essa fase particular da doutrina de Deus, que está agora diante de nós. A bendita verdade da eleição é revelada não para especulação carnal e controvérsia, mas para produzir os belos frutos da santidade. A escolha é de Deus, mas os efeitos salutares estão em nós. É verdade que a doutrina deve ser aplicada pelo poder do Espírito Santo para a alma antes que esses efeitos sejam produzidos; pois aqui, como em todos os lugares, somos totalmente dependentes de Suas operações graciosas.

O primeiro efeito produzido na alma pela aplicação, pelo Espírito, da verdade da eleição Divina é a promoção da verdadeira humildade. O orgulho e a presunção agora recebem a sua ferida mortal, a auto-complacência é quebrada, e o sujeito desta experiência é abalado

em seus próprios fundamentos. Ele pode, por anos passados ter feito uma profissão de fé Cristã, e não ter entretido quaisquer dúvidas sérias sobre a sinceridade e autenticidade da mesma. Ele pode ter tido uma forte e inabalável segurança de que ele estava peregrinando para o Céu; e durante esse tempo ele era completamente ignorante da verdade da eleição. Mas que mudança veio sobre ele! Agora que ele aprende que Deus fez uma escolha eterna dentre os filhos dos homens, ele está profundamente preocupado para saber se ele é ou não um dos favoritos do Céu. Percebendo algo das enormes questões envolvidas, e dolorosamente consciente de sua própria depravação total, ele fica cheio de temor e tremor. Isso é muitíssimo doloroso e inquietante, pois ele ainda não sabe que tais exercícios de alma são um sinal saudável.

É exatamente por causa da pregação da eleição, quando acompanhada pelo poder do Espírito Santo (e que pregação é mais projetada para ter Sua bênção do que aquela que mais magnifica a Deus e humilha o homem!?) produz tal angústia de coração, que é muitíssimo desagradável para aqueles que desejam estar “à vontade em Sião”. Nada é mais projetado para expor uma profissão vazia, para despertar as adormecidas vítimas de Satanás. Mas, infelizmente, aqueles que não têm nada melhor do que uma segurança carnal não desejam ter sua falsa paz perturbada, e, conseqüentemente, eles são os mesmos que ficam mais exaltados em seus protestos contra a proclamação da graça distintiva. Mas o rosnar e o latido de cães não são nenhuma razão para que os filhos de Deus sejam privados de seu pão necessário. E não importa o quão desagradáveis sejam os primeiros efeitos produzidos nele pela recepção de coração desta verdade, não demorará muito para que a pessoa humilhada seja verdadeiramente grata por aquilo que faz com que ela cave mais profundamente e se certifique de que sua esperança está fundada sobre a Rocha Eterna.

O castigo Divino é uma coisa dolorosa; no entanto, para os que são exercitados nele, ele depois produz um fruto pacífico de justiça (Hebreus 12:11). Por isso, é uma coisa grave para nossa complacência o sermos rudemente despedaçados, mas se a consequência for que trocamos uma falsa confiança por uma segurança bíblicamente fundamentada, temos de fato motivo para fervoroso louvor. Pois, descobrir que o propósito da graça de Deus é restrito a um povo eleito, é alarmante para quem imaginou que Ele ama todos os homens igualmente. Ser levado a pensar seriamente se eu sou um daqueles que Deus escolheu em Cristo antes da fundação do mundo, levanta uma questão que não é fácil de responder de forma satisfatória; e ser levado a investigar diligentemente o meu estado atual, examinar-me solenemente diante de Deus, é uma tarefa na qual nenhum hipócrita prosseguirá; ainda assim, é uma tarefa da qual o regenerado não retrocederá, pelo contrário, a buscará com zelo ardente e fervorosa oração a Deus por ajuda nisso.

Não é (como alguns tolamente supõem) que aquele que está agora tão seriamente preocupado com sua condição espiritual e destino eterno está em tal alarme porque ele duvida da Palavra de Deus. Longe disso, é somente porque ele acredita na Palavra de Deus que ele duvida de si mesmo, duvida da validade de sua profissão de fé Cristã. É porque ele acredita nas Escrituras quando elas declaram que o rebanho do Senhor é um “muito pequeno” (em grego, Lucas 12:32), ele está com medo dele mesmo não pertencer a ele. É porque ele acredita em Deus, quando Ele diz: “Há uma geração que é pura aos seus próprios olhos, mas que nunca foi lavada da sua imundícia” (Provérbios 30:12), e por ele encontrar tanta sujeira em sua própria alma, que ele treme com medo de que isso seja verdade sobre ele. É porque ele acredita em Deus, quando Ele diz: “Enganoso é o coração, mais do que todas as coisas, e perverso; quem o conhecerá?” (Jeremias 17:9), que ele está profundamente exercitado para não ser fatalmente enganado. Ah, meu leitor, quanto mais firmemente cremos na Palavra de Deus, mais causa temos para duvidarmos de nós mesmos.

Obter a segurança de que eles receberam um chamado sobrenatural de Deus, que os trouxe da morte para a vida, é uma questão de interesse fundamental para aqueles que realmente valorizam suas almas. Aqueles a quem Deus concedeu um coração honesto abominam a hipocrisia, a recusam-se a tomar qualquer coisa como garantido, e muitos temem que eles ponham sobre si mesmos um veredito mais favorável do que é justo. Outros podem rir de sua preocupação e zombar de seus temores, mas isso não os mobiliza. Muito está em jogo para um tal assunto ser de forma descontraída e apressadamente descartado. Eles sabem muito bem que esse assunto é aquele que deve ser resolvido na presença de Deus, e se eles estiverem enganados, eles Lhe pedem para fazê-los conscientes disso. É Deus quem os feriu, e somente Ele pode curá-los; é Deus quem tem perturbado a sua complacência carnal, e ninguém senão Ele pode dar descanso espiritual real.

É possível que uma pessoa, nesta vida, realmente conheça a sua eleição eterna de Deus? Os papistas respondem dogmaticamente que nenhum homem pode certamente conhecer sua própria eleição, a menos que seja autenticada por alguma revelação especial, imediata e pessoal de Deus. Mas isso é manifestamente falso e errôneo. Quando os discípulos de Cristo voltaram de sua viagem de pregação e relataram-lhe as maravilhas que haviam feito e estando animados que até mesmo os demônios se sujeitaram a eles, Ele lhes ordenou: “Mas, não vos alegréis porque se vos sujeitem os espíritos; alegrai-vos antes por estarem os vossos nomes escritos nos céus” (Lucas 10:20). Não é perfeitamente claro nestas palavras de nosso Salvador que os homens podem alcançar um conhecimento seguro de sua eleição eterna? Certamente não podemos, nem iremos, nos alegrar com as coisas que são desconhecidas ou nem mesmo nas coisas incertas.

Será que Paulo não ordenou aos Coríntios: Examinai-vos a vós mesmos, se permanecéis

na fé; provai-vos a vós mesmos” (2 Coríntios 13:5)? Aqui isso é certamente tomado como garantido que aquele que tem fé pode saber que ele a tem e, portanto, também pode conhecer a sua eleição, pois a fé salvadora é uma marca infalível da eleição: “e creram todos quantos estavam ordenados para a vida eterna” (Atos 13:48). Quem dera que mais ministros tomassem uma página do livro do apóstolo e exortasse os seus ouvintes ao real autoexame, é verdade, isso não aumentaria a sua atual popularidade, mas isso provavelmente resultaria em ação de graças de alguns dos seus ouvintes em um dia futuro. Outro dos apóstolos não exorta os seus leitores: “Portanto, irmãos, procurai fazer cada vez mais firme a vossa vocação e eleição” (2 Pedro 1:10)? Mas que força tal injunção possui se a segurança for inatingível nesta vida? Seria completamente inútil usar diligência se o conhecimento da nossa eleição fosse impossível sem que tivéssemos uma revelação extraordinária de Deus.

Mas como pode um homem vir a conhecer a sua eleição? Certamente não é ascendendo como se fosse para o Céu, para ali pesquisar nos conselhos de Deus, e depois descer por si mesmo. Nenhum de nós pode obter acesso ao livro da vida do Cordeiro, os decretos de Deus são secretos. No entanto, é possível que os santos saibam que estão entre aquele ajuntamento a quem Deus predestinou para serem conformes à imagem de Seu Filho. Mas como? Não por alguma revelação extraordinária de Deus, pois em nenhum lugar a Escritura promete qualquer coisa para as almas exercitadas. Spurgeon coloca isso francamente quando disse: “Nós sabemos de alguns que imaginam ser eleitos por causa de uma visão que eles viram quando estavam dormindo, ou quando eles estavam acordados, pois os homens têm tido sonhos quando acordados; mas estas são de tanto valor quanto teias de aranha seriam para uma veste, elas serão de tanta utilidade a eles no dia do juízo, quanto as convicções de um ladrão seria para ele se ele estivesse precisando de uma reputação para encomendá-lo à misericórdia” (Sermão em 1 Tessalonicenses 1:4-6).

A fim de verificar a nossa eleição, temos de descer em nossos próprios corações, e, em seguida, subir de nós mesmos como se fosse pela escada de Jacó para o propósito eterno de Deus. É por meio dos sinais e testemunhos descritos nas Escrituras, que devemos procurar dentro de nós mesmos e, a partir deles descobrir o conselho de Deus concernente à nossa salvação. Ao fazer esta afirmação, não estamos esquecidos do comentário satírico com o que é provável encontrar-se em determinados locais. Há uma classe de Cristãos professos que não entretém quaisquer dúvidas sobre a sua salvação, que amariam dizer isso tanto quanto olhar para um iceberg em busca de calor ou para um túmulo para encontrar sinais de vida, ou como para buscar dentro de nós mesmos as provas do novo nascimento. Mas não é semelhante blasfêmia sugerir que Deus o Espírito pode fazer a Sua residência em uma pessoa e ainda assim que não haja evidências definitivas de Sua presença.



Há dois testemunhos para o crente a partir do que ele pode certamente aprender os conselhos eternos de Deus com respeito à sua salvação: o testemunho do Espírito de Deus e o testemunho de seu próprio espírito (Romanos 8:16). Por estes meios é que o Espírito de Deus fornece testemunho de uma consciência Cristã a partir da Palavra, senão, antes por Sua aplicação das promessas do Evangelho, na forma de um silogismo: Todo aquele que crê em Cristo é escolhido para a vida eterna. Essa proposição está claramente estabelecida na Palavra de Deus, e é expressamente proposta por Seus ministros do Evangelho. O Espírito de Deus acompanha a pregação deles com poder eficaz, para que os corações dos eleitos de Deus sejam abertos para receber a verdade, com os olhos iluminados para perceber a sua bem-aventurança, e suas vontades modificadas para renunciarem a todas as outras dependências e entregarem-se à misericórdia de Deus em Cristo.

Mas, surge a pergunta: como posso distinguir entre o testemunho do Espírito e a imitação ilusória de Satanás disso? Pois, assim como há uma segura persuasão do favor de Deus a partir de Seu Espírito, há também fraudes do Diabo pela qual ele lisonjeia e acalma os homens em seus pecados. Além disso, existe em todos os homens presunção natural, que é muitas vezes confundida com fé, na verdade, há muito mais desta fé-zombadora no mundo do que há da verdadeira fé. É realmente trágico encontrar que há multidões no mundo religioso de hoje, que são conduzidas pelo “fogo estranho” do entusiasmo selvagem, supondo que o entusiasmo de seus espíritos carnis e emoções são prova segura de que eles receberam o “batismo do Espírito” e, assim, estão seguros do Céu. No outro extremo, há um grande número de pessoas que desdenha e desacredita de todos os sentimentos religiosos e fixa a sua fé em um: “Estou descansando em João 5:24”, e se vangloria de que eles não tiveram dúvida de sua salvação por muitos anos no passado.

Ora, o verdadeiro testemunho do Espírito pode ser discernido da presunção natural e enganação satânica por seus efeitos e frutos. Primeiro, o Espírito concede aos eleitos de Deus corações que oram. “E Deus não fará justiça aos seus escolhidos, que clamam a ele de dia e de noite, ainda que tardio para com eles?” (Lucas 18:7). Observe quão diretamente, após fazer essa declaração, o Senhor Jesus passou a dar uma ilustração da natureza de sua oração. É verdade que os formalistas e hipócritas oram, mas muito diferente é esta oração deles do clamor daqueles que estão conscientes do pecado, sobrecarregados de culpa, que fazem parte do aflito povo de Deus, como se evidencia a partir do vívido contraste entre o fariseu e o publicano. Ah, não faremos esta oração que caracteriza os eleitos de Deus até que sejamos levados a sentir a nossa indignidade absoluta e merecimento do Inferno, nossa ruína e desventura, nossa miséria e dependência absoluta da graça soberana de Deus, então, começamos a “clamar” a Ele e isso, “de dia e de noite”, orar experimentalmente, orar com perseverança, orar com “gemidos inexprimíveis”, e, portanto, orar eficazmente.



Olhemos por um momento, para uma oração de um daqueles que pertencem ao povo de Deus, “Lembra-te de mim, Senhor, segundo a tua boa vontade para com o teu povo; visita-me com a tua salvação” (Salmos 106:4). Agora meu leitor, ou você quer buscar sinceramente este favor pelo qual o Senhor se lembra de Seu povo, ou você não quer. É somente quando somos levados para o lugar onde somos pressionados para baixo com um senso de nossa pecaminosidade e vileza que podemos dizer em nossas almas diante de Deus: “Ó, visita-me com a tua salvação”. Mas o salmista não parou por aí, nem mais nós devemos; ele passou a dizer: “Para que eu veja os bens de teus escolhidos, para que eu me alegre com a alegria da tua nação, para que me glorie com a tua herança” (v. 5). Os eleitos de Deus oram e buscam pelo que nenhum outro homem ora e busca: eles querem ver o bem dos escolhidos de Deus, buscam ser salvos com a Sua salvação, e permanecer na condição de Sua aliança e fundamento eternos.

Um segundo efeito do testemunho do Espírito é que ele nos leva a nos submetermos à soberania de Deus. Não somente os eleitos de Deus oram por algo que nenhum outro homem ora, mas o fazem de uma forma diferente de todos os outros. Eles se aproximam do Todo-Poderoso não como iguais, mas como mendigos; eles fazem “pedidos” a Ele, e não exigências; e apresentam as suas petições em estrita subserviência à Sua vontade imperial. Quão completamente diferentes são as suas humildes petições da arrogância e do ditatorialismo de professos vazios. Eles sabem que não têm direitos sobre o Senhor, que eles não merecem misericórdia de Suas mãos, e, portanto, eles não levantam protestos contra a Sua afirmação expressa, “Compadecer-me-ei de quem me compadecer, e terei misericórdia de quem eu tiver misericórdia” (Romanos 9:15). Essa pessoa cujo coração é habitado pelo Espírito de Deus toma o seu lugar no pó, e diz com o piedoso Eli: “Ele é o Senhor; faça o que bem parecer aos seus olhos” (1 Samuel 3:18).

Lemos em Mateus 20:3 sobre uma série de homens “que estavam ociosos no mercado”, o que entendemos significar que eles não estavam ativamente engajados no serviço do Diabo, mas que ainda não tinha entrado no serviço a Deus. Sua atitude era indicativa de um desejo de serem religiosos. “Muito bem”, disse o Senhor, “vão trabalhar na minha vinha”. Mas um pouco mais tarde, o Senhor da vinha exibiu Sua soberania, e eles ficaram muito descontentes. O Senhor deu ao último o mesmo que aos primeiros, e então murmuravam. O Senhor respondeu: “Não me é lícito fazer o que quiser do que é meu? Ou é mau o teu olho porque eu sou bom?” (v. 15). Isso foi o que os ofendeu; eles não queriam se submeter à Sua soberania, não obstante, Ele a exerceu. “Ou é mau o teu olho porque eu sou bom?”. Ele perguntou e ainda pergunta a cada um daqueles que, no orgulho e incredulidade de seu próprio coração, se levanta contra a distintiva graça de Deus. Mas não é assim com os eleitos de Deus, eles se curvam diante de Seu trono e entregam-se inteiramente em Suas mãos.

Em terceiro lugar, os eleitos de Deus têm comunicado a eles um espírito filial, de forma que eles têm afeições de filhos obedientes ao seu Pai celestial. Isso inspira-os com um temor de Sua majestade, a fim de que eles estejam conscientes de todo caminho mau. Isso inclina os seus corações ao amor de Deus, de modo que eles desejam o gozo consciente de Seu rosto sorridente, estimando a comunhão com Ele acima de todos os outros privilégios. Esse espírito filial produz confiança para com Deus, de modo que eles suplicam as Suas promessas, contam com a Sua misericórdia, e confiam em Sua bondade. Sua elevada autoridade é respeitada e eles tremem da Sua Palavra. Esse espírito filial produz sujeição a Deus, de forma que eles desejam obedecê-IO em todas as coisas, e sinceramente se esforçam para andar de acordo com os Seus mandamentos e preceitos. É verdade que eles estão ainda muito longe de serem o que eles deveriam ser, e do que eles gostariam de ser, se seus sinceros anseios fossem realizados; no entanto, o seu fervoroso desejo é agradá-IO em todos os seus caminhos.

“O mesmo Espírito testifica com o nosso espírito que somos filhos de Deus” (Romanos 8:16). O ofício de uma “testemunha” é testemunhar ou apresentar evidência tendo como objetivo produzir provas, seja de inocência ou de culpa. Isso pode ser visto a partir de: “Os quais mostram a obra da lei escrita em seus corações, testificando juntamente a sua consciência, e os seus pensamentos, quer acusando-os, quer defendendo-os” (Romanos 2:15). Embora os gentios não tenham recebido uma revelação escrita de Deus (como foi o caso com os judeus), no entanto, eles eram Suas criaturas, responsáveis a Ele, sujeitos à Sua autoridade, e ainda serão julgados por Ele. Os fundamentos em que a sua responsabilidade repousa são: a revelação que Deus fez de Si mesmo na criação que os torna “inescusáveis” (Romanos 1:19-20) e da obra da lei escrita em seus corações, que é a racionalidade ou “a luz da natureza”. Seus instintos morais os instruem na diferença entre o certo e o errado e alertam para um dia futuro de acerto de contas. Enquanto a sua consciência “testemunha”, isto é, fornece evidência de que Deus é o seu governador e juiz.

Agora, o Cristão tem uma consciência renovada, e isso fornece a prova de que ele é uma pessoa renovada e, conseqüentemente, um dos eleitos de Deus. “Orai por nós, porque confiamos que temos boa consciência, como aqueles que em tudo querem portar-se honestamente” (Hebreus 13:18), a inclinação de seu coração era para Deus e obediência a Ele. Não apenas o Cristão sinceramente deseja honrar a Deus e ser honesto com seus companheiros, mas ele faz um verdadeiro esforço para isso: “E por isso procuro sempre ter uma consciência sem ofensa, tanto para com Deus como para com os homens” (Atos 24:16). E é o ofício de uma boa consciência testemunhar favoravelmente para nós e a nós. A isso o Cristão pode recorrer. Paulo fez isso muitas vezes, por exemplo, em Romanos 9:1 nós o encontramos declarando: “Em Cristo digo a verdade, não minto (dando-me testemunho a minha consciência no Espírito Santo)”, o que significa que a sua consciência testemunhou

a sua sinceridade no assunto. Assim, vemos mais uma vez como a Escritura interpreta a Escritura: Romanos 2:15 e 9:1 definem o significado de “nosso espírito carregando o testemunho” — produzindo evidência, estabelecendo a veracidade de um caso.

Romanos 8:16 declara que o nosso espírito (auxiliado pelo Espírito Santo) fornece prova que somos “filhos de Deus”, e, como o apóstolo prossegue em mostrar que se somos filhos somos “logo herdeiros” (v. 17) e “escolhidos de Deus” (v. 33). Agora, este testemunho de nosso espírito é o testemunho do nosso coração e consciência, purificados e santificados pelo sangue de Cristo. Isso testifica de duas maneiras, por sinais interiores em si mesmos, e por provas externas. Como isso é tão pouco compreendido atualmente, devemos nos estender sobre este assunto. Esses sinais internos são certas graças especiais implantadas em nosso espírito no novo nascimento, pelo que uma pessoa pode ter, certamente, a certeza de sua adoção Divina, e, portanto, de sua eleição para a salvação. Esses sinais relacionam-se primeiro aos nossos pecados, e, segundo à misericórdia de Deus em Cristo. E por uma questão de clareza, consideraremos o primeiro em conexão com os nossos pecados passados, presentes e futuros.

O testemunho ou sinal em nosso “espírito” ou coração, que diz respeito aos pecados passados é a “tristeza segundo Deus” (2 Coríntios 7:10), que é realmente uma graça mãe de muitos outros dons e graças de Deus. A natureza dela pode ser melhor concebida, se a compararmos com o seu oposto que é a tristeza segundo o mundo que emana do pecado, e nada mais é do que o terror de consciência e de uma apreensão da ira de Deus por causa da consciência do pecado; ao passo que a tristeza segundo Deus, embora seja de fato ocasionada por nossos pecados, nasce de uma dor de consciência causada por uma sensação daquela bondade e graça de Deus. A tristeza do mundo consiste em horror somente em relação ao castigo, ao passo que a tristeza segundo Deus é tristeza pelo pecado como pecado, que é aumentada pela percepção de que não haverá punição pessoal para ele, desde que tal punição foi infligida a Cristo em meu lugar. A fim de que ninguém engane-se em discernir esta “tristeza segundo Deus”, o Espírito Santo em 2 Coríntios 7:11 deu sete marcas pelas quais ela pode ser identificada.

A primeira marca é: “Porque, quanto cuidado não produziu isto mesmo [‘tristeza segundo Deus’] em vós”. A palavra para “cuidado” significa em primeiro lugar “pressa” e, em seguida, diligência — é o oposto de negligência e de indiferença. Não existe apenas lamentação, mas prosseguir para o esforço com uma vontade, de modo a corrigir a má conduta. Em segundo lugar, “que apologia”: a palavra grega significa “desculpar-se”, buscando o perdão — é o inverso da auto-atenuação. Em terceiro lugar, sim, “que indignação” em vez de indiferença, o penitente fica extremamente irado consigo mesmo por cometer tais delitos. Quarto, “que temor”, para que não haja qualquer repetição do mesmo, é uma ansiedade de espírito

contra mais uma queda. Em quinto lugar, “que saudades” [ou “que desejos veementes” na KJV — N. do R.], pela Divina ajuda e força contra qualquer recorrência no mesmo. Sexto, “que zelo”, no cumprimento dos deveres sagrados que são o oposto daqueles pecados. Sétimo, “que vingança!”, sobre si mesmo, por diária mortificação de seus membros. Quando um homem encontra esses frutos em si mesmo, ele não precisa duvidar da “piedade” de seu arrependimento.

O testemunho em nosso espírito com respeito aos pecados atuais é a resistência feita pela nova natureza contra a velha, ou o princípio da santidade contra aquele princípio do mal (cf. Gálatas 5:17). É próprio do regenerado na medida em que eles são criaturas duplas: filhos dos homens e filhos de Deus. É muito mais do que os controles de consciência que todos os homens, bons e maus, encontram em si mesmos quantas vezes ofendem a Deus. Não, isso é aquele esforço e luta da mente, afeições e com eles mesmos, sendo que na medida em que são renovados e santificados eles conduzem o homem de uma maneira, e como eles ainda são corruptos, levam-no para o lugar contrário. É esta guerra dolorosa e prolongada que o Cristão descobre estar acontecendo dentro de si, é que evidencia que ele seja uma nova criatura em Cristo. Se ele analisa e recorda o passado, ele nada encontrará como isso antes de sua experiência de regeneração.

Tudo no natural prenuncia realidades espirituais, se nós apenas tivéssemos olhos para ver e entendimentos para interpretá-los corretamente. Existe uma doença chamada *ephiates* (pesadelo) que faz com que suas vítimas, quando estão quase dormindo, sintam-se como se algum grande peso estivesse colocado sobre o seu peito, pressionando-os para baixo; e eles se esforçam com as mãos e os pés, com todas as suas forças, para remover esse peso, mas não conseguem. Tal é o caso do Cristão genuíno: ele está consciente de algo dentro que o arrasta para baixo, que corta as asas da fé e esperança, que dificulta suas afeições sendo estabelecidas sobre as coisas do alto. Isso o oprime e ele luta contra o mesmo, mas em vão. Isso é a “carne”, suas corrupções inatas, o pecado interior, contra a qual todas as graças da nova natureza se esforçam e lutam. É um fardo intolerável que perturba seu descanso, e impede-o de fazer as coisas que ele gostaria.

O sinal em nosso espírito que relaciona-se aos pecados futuros é um grande cuidado para evitá-los. Que isso é uma marca dos filhos de Deus aparece em: “Sabemos que todo aquele que é nascido de Deus não peca; mas o que de Deus é gerado conserva-se a si mesmo, e o maligno não lhe toca” (1 João 5:18). Observe cuidadosamente o tempo do verbo, não é “ele não peca”, mas “não peca”, como uma prática regular e curso constante. A partir disso ele “conserva-se a si mesmo”. Este cuidado consiste não apenas na ordenação de nossa conduta exterior, mas se estende aos próprios pensamentos do coração. Foi a isso que o apóstolo se refere quando disse: “Antes subjugo o meu corpo, e o reduzo à servidão” (1

Coríntios 9:27), não o seu corpo físico, mas o corpo do pecado dentro dele. Quanto mais somos conscientes de maus pensamentos e imaginações ilícitas, mais nós estabelecemos um julgamento sobre os nossos motivos, menos provável é que o nosso comportamento externo seja desagradável a Deus.

Passamos agora a considerar os testemunhos ou sinais no espírito do Cristão com relação à misericórdia de Deus, os sinais que evidenciam que ele seja um dos eleitos de Deus. O primeiro é quando um homem sente-se ser muito sobrecarregado e profundamente perturbado com a culpa e contaminação de suas iniquidades, e quando ele apreende o severo desprazer de Deus em sua consciência devido a eles. Isso supera em muito quaisquer males físicos ou calamidades temporais a que ele esteja sujeito. O pecado é agora o seu maior fardo de todos, tornando-o incapaz de desfrutar de prazeres mundanos ou saborear a associação com companheiros mundanos. Agora é que ele sente sua urgente necessidade de Cristo, e anela por Ele como o cervo brama pela corrente das águas. Ambições carnis e esperanças mundanas se desvanecem em insignificância absoluta diante deste anseio irresistível pela reconciliação com Deus através dos méritos do Redentor. “Dá-me a Cristo, senão eu morro”, é agora o seu clamor agonizante.

Agora, para todas essas almas enfermas pelo pecado, com consciências atormentadas, convencidas do pecado pelo Espírito, Cristo fez algumas grandiosíssimas e preciosas promessas, promessas que não se relacionam a ninguém, senão aos eleitos vivificados por Deus. “Se alguém tem sede, venha a mim, e beba. Quem crê em mim, como diz a Escritura, rios de água viva correrão do seu ventre” (João 7:37-38). Isso não é exatamente adequado às necessidades profundas de quem sente as chamas do inferno em sua consciência? Ele tem fome e sede de justiça, porque ele sabe que não tem nada de si mesmo. Ele tem sede de paz, pois ele não tem nenhuma, de dia ou de noite. Ele tem sede de perdão e purificação, pois ele vê-se como sendo um leproso criminoso. “Então, vinde a Mim”, diz Cristo, “e eu atenderei a todas as suas necessidades”. “A quem quer que tiver sede, de graça lhe darei da fonte da água da vida” (Apocalipse 2 1:6). E observe que se segue, assim, à sua vinda a Cristo: “Mas aquele que beber da água que eu lhe der nunca terá sede, porque a água que eu lhe der se fará nele uma fonte de água que salte para a vida eterna” (João 4:14).

O segundo sinal é uma nova afeição que é implantada no coração pelo Espírito Santo, pelo que um homem assim estima, valoriza e estabelece um preço tão alto em relação ao sangue e a justiça de Cristo que ele considera as coisas mais preciosas do mundo apenas como escória e esterco em comparação àqueles. Essa afeição foi evidenciada por Paulo (veja Filipenses 3:7-8). Agora, é verdade que quase todos os professos dirão que eles valorizam a Pessoa e a obra de Cristo acima de todas as coisas deste mundo, quando o fato é que a grande maioria deles tem o ânimo de Esaú, preferindo um prato de lentilhas à porção de



Jacó. Com pouquíssimas exceções aqueles que carregam o nome de Cristãos preferem muito mais as panelas de carne do Egito do que as bênçãos de Deus na terra prometida. Suas ações, suas vidas o demonstram, pois, onde está o tesouro de um homem, ali está o seu coração.

Que nenhum homem possa enganar-se em relação a este sinal particular da regeneração e da eleição, Deus nos deu duas marcas de identificação e comprovação. Em primeiro lugar, quando há uma genuína valorização e deleite em Cristo acima de todos os outros objetos, há um amor sincero pelos Seus membros. “Nós sabemos que passamos da morte para a vida, porque amamos os irmãos” (2 João 3:14), ou seja, tais que são membros do corpo místico de Cristo, e porque eles assim o são. Aqueles que são valiosos para Deus devem ser valiosos para o Seu povo. Não importa que diferenças possam haver entre eles, na nacionalidade, posição social, temperamento pessoal, há um vínculo espiritual que os une. Se Cristo estiver habitando em meu coração, então meus afetos serão necessariamente inclinados a todos em quem eu percebo, embora fracamente, os contornos de Sua santa imagem. E na medida em que eu permito que o espírito de animosidade me afaste deles, a evidência de minha eleição será obscurecida.

A segunda marca que evidencia uma verdadeira valorização de Cristo é um amor e anelo por Sua vinda, quer seja pela morte ou por Seu segundo advento. Embora a natureza retroceda da dissolução física, e embora o pecado que habita no Cristão faça-o desconfortável com a ideia de ser levado à presença imediata do Santo de Deus, no entanto, os atos da nova natureza elevam a alma acima desses obstáculos. Um coração renovado não pode ficar satisfeito com a sua comunhão presente, intermitente e imperfeita com o seu Amado. Ela anseia por comunhão plena e completa com Ele. Este foi claramente o caso com Paulo: “tendo desejo de partir, e estar com Cristo, porque isto é ainda muito melhor” (Filipenses 1:23). Que isso não era peculiar a si mesmo, mas algo que é comum a todos os sujeitos da eleição da graça, aparece a partir de sua palavra: “Desde agora, a coroa da justiça me está guardada, a qual o Senhor, justo juiz, me dará naquele dia; e não somente a mim, mas também a todos os que amarem a sua vinda” (2 Timóteo 4:8).

Em seguida, voltamos para o sinal externo de nossa adoção. Esta é a obediência evangélica, segundo a qual o crente sinceramente se esforça para obedecer aos mandamentos de Deus em sua vida diária. “E nisto sabemos que o conhecemos: se guardarmos os seus mandamentos” (1 João 2:3). Deus não julga a desobediência pelo rigor da Lei pois, então, isso não seria sinal de graça, mas um meio de condenação. Antes, Deus estima e considera esta obediência de acordo com o teor da Nova Aliança. Quanto àqueles que O temem o Senhor declara: “poupá-los-ei, como um homem poupa a seu filho, que o serve” (Malaquias 3:17). Deus preza as coisas feitas não por seus efeitos ou por fazê-las, mas pela afeição

de quem as faz. É para o coração que Deus olha principalmente. E, no entanto, para que ninguém se engane quanto a este ponto, que as seguintes qualificações sejam ponderadas, em oração.

Essa obediência externa, que Deus requer de Seus filhos, e que, por amor a Cristo, Ele aceita deles, não é aquela que tem relação apenas a alguns dos mandamentos Divinos, mas a todos sem exceção. Herodes ouviu o Batista de bom grado, e fez muitas coisas (Marcos 6:20), mas se desviou da observância ao sétimo mandamento que o ordenava a deixar a mulher de seu irmão Filipe. Judas deixou o mundo por Cristo, e tornou-se um pregador do Evangelho, mas ele não conseguiu mortificar a concupiscência da cobiça, e pereceu. Pelo contrário Davi exclamou: “Então não ficaria confundido, atentando eu para todos os teus mandamentos” (Salmos 119:6). Aquele que se arrepende de um pecado verdadeiramente, se arrepende de todos os pecados, e aquele que vive em algum pecado conhecido, sem arrependimento, de fato não se arrepende de nenhum pecado em absoluto.

Outrossim, para nossa obediência externa ser aceitável a Deus, deve estender-se a todo o curso da vida de um Cristão após a conversão. Nós não devemos julgar a nós mesmos (ou qualquer outra pessoa) por algumas ações ocasionais, mas pelo teor geral de nossas vidas. Como o curso da vida de um homem é, tal é o próprio homem; embora ele, por causa do pecado que ainda habita nele, falhe nesta ou naquela ação particular, ainda assim isso não prejudica sua condição diante de Deus, desde que ele renove seu arrependimento por suas ofensas, não se acomodando com qualquer pecado. Finalmente, é necessário que esta obediência externa proceda de todo o homem, tudo o que está dentro dele expressa louvor a Deus. No novo nascimento todas as faculdades da alma são renovadas, e, doravante, devem ser empregadas no serviço de Deus, como anteriormente foram no serviço ao pecado.

Seja dito mais uma vez que é mui importante que o Cristão seja bastante claro à exatidão do que o seu espírito testemunha. Isso não é para qualquer melhoria em sua natureza carnal, nem para o pecado ser menos ativo dentro dele; antes, é para o fato de que ele é um filho de Deus, como é evidente a partir de seu coração buscando por Ele, anelando por ter comunhão com Ele, e seu sincero esforço para agradá-IO. Assim como um filho carinhoso e obediente tem dentro de seu próprio peito a prova da relação peculiar que ele representa para o pai, assim, as inclinações filiais e aspirações do crente provam que Deus é o seu Pai celestial. É verdade que ainda há muito nele que constantemente se levanta contra Deus, no entanto, há algo mais que não havia nele por natureza.

Aqui, anteciparemos uma objeção: alguns dizem que é um pecado para o Cristão questionar sua aceitação diante de Deus, porque ele ainda é tão depravado, ou duvidar de sua



salvação, porque ele pode perceber pouca ou nenhuma santidade interior. Eles dizem que tal dúvida é colocar a verdade e a fidelidade de Deus em dúvida, pois Ele nos assegurou de Seu amor e Sua prontidão para salvar todos os que creem em Seu Filho. Eles negam que é nosso dever examinar os nossos corações e dizem que nunca obteremos qualquer garantia ao fazê-lo; que devemos olhar para Cristo, e descansar em Sua pura Palavra. Mas este é um erro grave. Nós descansamos em Sua Palavra quando procuramos essas evidências que a própria Palavra descreve como as marcas de um filho de Deus. Disse o apóstolo: “Porque a nossa glória é esta: o testemunho da nossa consciência” (2 Coríntios. 1:12). “Meus filhinhos, não amemos de palavra, nem de língua, mas por obra e em verdade. E nisto conhecemos que somos da verdade, e diante dele asseguraremos nossos corações” (1 João 3:18-19).

Mas, apesar das evidências que o Cristão tem de sua filiação Divina, ele descobre que não é questão fácil ter a certeza de sua sinceridade ou estabelecer conforto sólido em sua alma. Suas disposições são intermitentes, as suas formas variáveis. É neste exato ponto que o bendito Espírito de Deus ajuda as nossas fraquezas. Ele acrescenta Seu testemunho ao testemunho de nossa consciência renovada, de modo que, por vezes, o Cristão tem a garantia de sua salvação, e pode dizer: “Em Cristo digo a verdade, não minto (dando-me testemunho a minha consciência no Espírito Santo)” (Romanos 9:1).

“A única forma designada por Deus pela qual podemos chegar a uma apreensão de sermos participantes na eleição é pelos frutos desta em nossas próprias almas. Também não é lícito para nós perguntarmos a Ele ou por qualquer outra maneira”. Com estas palavras do criterioso John Owen estamos em pleno acordo. De nossa parte, não nos atreveríamos a colocar qualquer dependência de uma esperança eterna em qualquer sonho ou visão que tenhamos recebido, ou qualquer voz que tenhamos ouvido. Mesmo que um ser celestial aparecesse diante de nós e declarasse que ele havia visto o nosso nome escrito no livro da vida do Cordeiro, não devemos colocar nenhuma credibilidade nisso, pois não teríamos nenhum meio de saber se ele não pode ser o próprio Diabo que “se transfigura em anjo de luz” (2 Coríntios 11:14) vindo para nos enganar. Nossa eleição deve ser certificada para nós pela infalível Palavra de Deus, e ali temos um firme fundamento sobre o qual descansar nossa fé.

A obrigação que o Evangelho nos impõe de crer em algo relaciona-se à ordenação das mesmas e à ordenação de nossa obediência. Quando é declarado pelo Evangelho que Cristo morreu pelos pecadores, não sou imediatamente obrigado a crer que Cristo morreu por mim em particular — isso seria inverter a ordem Divina do Evangelho. A grandiosa e simples mensagem do Evangelho da graça de Deus é que Cristo Jesus veio ao mundo para adquirir um caminho de salvação para perdidos, que Ele morreu pelos ímpios, que Ele tão

perfeitamente satisfizes as reivindicações da justiça Divina que Deus pode retamente justificar cada pecador que verdadeiramente crê em Seu Filho, Jesus Cristo (Romanos 3:26). Conseqüentemente, uma vez que me encontro como sendo membro dessa classe, desde que eu reconheço que sou um pecador, uma pessoa ímpia e perdida, então eu tenho plena garantia para crer nas boas novas do Evangelho. Assim, o Evangelho exige de mim a fé e a obediência e tenho a obrigação de obedecê-lo completamente.

Até que eu creia e obedeça ao Evangelho não estou sob nenhuma obrigação de crer que Cristo morreu por mim em particular; mas tendo feito isso, sou assegurado de desfrutar dessa garantia. Da mesma maneira, eu sou obrigado a crer na doutrina da eleição em minha primeira audição do Evangelho, porque ela está ali claramente declarada. Mas quanto à minha própria eleição pessoal, eu não posso crer bíblicamente, nem sou obrigado a crer nela de qualquer outra forma, senão à medida que Deus a revela por seus efeitos. Nenhum homem pode justamente não crer ou negar a sua eleição até que ele esteja em uma condição em que é impossível que os efeitos da eleição sejam operados nele. Enquanto ele é um homem ímpio não pode ter nenhuma evidência de que ele seja eleito; portanto, que ele também não tenha nenhuma evidência de que ele não é eleito, enquanto é possível que ele seja santificado. Assim, se os homens são eleitos ou não, não é isso que Deus chama qualquer pessoa a imediatamente estar familiarizado; antes, a fé, a obediência e a santidade são requeridos de nós primeiramente.

Antes de prosseguirmos, que seja salientado que os eleitos são normalmente encontrados onde os ministros de Cristo trabalham muito. Paulo disse: “Portanto, tudo sofro por amor dos escolhidos, para que também eles alcancem a salvação que está em Cristo Jesus com glória eterna” (2 Timóteo 2:10). Isso ilustra o princípio: o apóstolo sabia que em seus trabalhos evangélicos, ele estava sendo utilizado na execução do propósito de Deus em levar a mensagem de salvação para o Seu povo. Para esse fim o apóstolo foi sustentado pela providência Divina e dirigido pelo Espírito do Senhor. Tome uma breve amostra do método em que ele foi Divinamente guiado. Em sua segunda viagem de anúncio das boas novas em terras pagãs, Paulo tinha passado pela Frígia e região da Galácia e gostaria de pregar a palavra na Ásia, mas foi “impedido pelo Espírito Santo” (Atos 16:6), por que razão? Apenas por que Deus não tinha nenhum dos Seus eleitos ali, ou se tivesse, o tempo ainda não havia chegado para a sua libertação espiritual.

O apóstolo então intentou ir para Bitínia, mas novamente nos é dito: “o Espírito não lho permitiu” (Atos 16:7). Isso é muito impressionante de fato, embora parece fazer pouca ou nenhuma impressão sobre as pessoas atualmente. Em seguida, lemos: “E, tendo passado por Mísia [quão solene!], desceram a Trôade”. Ali o Senhor apareceu-lhe numa visão direcionando-o a ir para a Macedônia e, a partir disso, ele certamente entendeu que Ele o

chamou para pregar o Evangelho ali. Ele então entrou naquele país e proclamou a boa nova e, em consequência, os eleitos de Deus em Tessalônica obtiveram salvação. Mais tarde, ele chegou a Corinto, onde se encontrou com muita oposição, e com pouco sucesso. Ele parece ter estado a ponto de partir, quando o Senhor Ihe apareceu, fortaleceu o seu coração, e assegurou-lhe: “tenho muito povo nesta cidade” (Atos 18:10). Como resultado, ele permaneceu ali 18 meses e a Igreja de Corinto foi formada.

Este grande princípio de assim o Senhor direcionar os Seus servos, de modo que Seus eleitos são levados ouvir o Seu Evangelho a partir de seus lábios, recebe muitas marcantes ilustrações nas Escrituras. A maneira notável pela qual Filipe foi conduzido com a Palavra de salvação ao eunuco Etíope, e Pedro, com a mesma Palavra para Cornélio e sua companhia, são casos deste ponto. Outro exemplo, talvez mais impressionante ainda, é a maneira pela qual os apóstolos obtiveram acesso ao carcereiro de Filipos com a Palavra da vida, que, por causa de sua vocação, provavelmente descobriria ser impossível ouvir a pregação pública deles. De modo muito bendito esses casos exemplificam as palavras do Salvador que, ao referir-se que ao grupo de pessoas que o Pai Ihe dera nas terras dos gentios, declarou: “Ainda tenho outras ovelhas que não são deste aprisco; também me convém agregar estas, e elas ouvirão a minha voz” (João 10:16), ouvem a Sua voz através de Seus servos e são vivificados pelo poder do Seu Espírito.

O Senhor Jesus, entretanto, nunca enviou os Seus servos para o labor onde Ele não tinha um povo, que sendo dado a Ele pelo Pai, devesse ser trazido por Ele ao rebanho. E Ele nunca assim os enviará. Mas onde Ele tem um povo, Ele dirigirá para ali os Seus servos, para chamar as pessoas para Si, e eles dirão como o velho Paulo: “tudo sofro por amor dos escolhidos, para que também eles alcancem a salvação que está em Cristo Jesus com glória eterna” [2 Timóteo 2:10]. Apenas o Dia vindouro revelará plenamente o quanto — por Sua graça sustentadora — eles tanto suportaram para que os eleitos fossem salvos. Os eleitos, então, devem ser encontrados onde os ministros fiéis de Cristo trabalham muito. Agora, meu leitor, se você tem o privilégio de viver em um lugar assim, então, em seu próprio meio você pode olhar para o povo favorecido de Deus. O dia da oportunidade de ouro agora é seu, e é seu dever sagrado responder e entregar-se ao apelo feito pelos servos de Cristo.

Agora, passemos para algo ainda mais específico. Deus não somente envia Seus servos para aqueles lugares onde Sua providência estabeleceu alguns dos Seus eleitos, mas Ele reveste a Sua palavra com poder e torna Sua obra eficaz. “Sabendo, amados irmãos, que a vossa eleição é de Deus; porque o nosso Evangelho não foi a vós somente em palavras, mas também em poder, e no Espírito Santo, e em muita certeza, como bem sabeis quais fomos entre vós, por amor de vós” (1 Tessalonicenses 1:4-5). Essa passagem é muito mais

direta ao ponto, e cada cláusula nela chama a nossa mais cuidadosa atenção. Ela nos diz como o apóstolo se certificou de que os santos de Tessalônica estavam entre os escolhidos de Deus, e como por paridade de razão, eles também podem conhecer e se alegrar em sua eleição. Esses detalhes foram registrados para a nossa instrução, e se o Senhor se agradar de nos conceder uma compreensão espiritual deles, estaremos em um fundamento seguro e certo. Mas, para isso, temos que ponderar em oração estes versículos, palavra por palavra.

“Sabendo, amados irmãos, que a vossa eleição é de Deus”. Como o apóstolo conhecia que a eleição deles era de Deus? Que seja mais particularmente observado que essa segurança dele não foi obtida por qualquer revelação imediata do Céu, e nem por uma visão sobrenatural ou mensagem angelical, nem pelo próprio Senhor, informando-lhes diretamente para este efeito. Não, antes isso foi pelo que ele testemunhou em e a partir deles. Foi pelos frutos visíveis de sua eleição, que ele percebeu que eles eram “irmãos amados”. Em outras palavras, ele rastreou esses efeitos da graça que foram forjados neles em sua conversão até a sua origem no eterno propósito de misericórdia de Deus. Aqueles pequeninos riachos de graça em seus corações foram rastreados pelo apóstolo até o oceano do amor eterno de Deus a partir do qual procediam. Nesse sentido, ele indicou-nos o caminho que devemos seguir, o método que devemos perseguir a fim de verificar a nossa predestinação para a glória.

“Porque o nosso Evangelho não foi a vós somente em palavras, mas também em poder”. Todos os que fingem pregar o Evangelho, na verdade não o pregam. Admitir que eles o fazem, seria admitir que há muitos evangelhos diferentes, pois há partidos e sentimentos na Cristandade, todos reivindicando ser deles o verdadeiro Evangelho, com a exclusão de todos os outros. É, portanto, uma questão da mais alta importância que cada um de nós saiba o que o Evangelho de Cristo realmente é, e isso deve ser aprendido com as Sagradas Escrituras, sob a orientação de Deus, o Espírito. Existem numerosas falsificações dele no mundo de hoje, e sua fraudulência só pode ser descoberta através de pesá-los nas “balanças do Santuário”. Igualmente necessário e importante é que nós verifiquemos como o Evangelho deve ser recebido por nós se a alma deve ser permanentemente beneficiada por ele, pois de acordo com o apóstolo, há uma dupla recepção do Evangelho.

“Porque o nosso Evangelho não foi a vós somente em palavras”. Pois quando o Evangelho vem a nós somente em palavras é porque Deus o deixou em sua eficácia natural, ou a força de seus argumentos e persuasão sobre a mente humana. Multidões, em muitos lugares ouviram o Evangelho, mas continuam em idolatria e em injustiça, não obstante a profissão que muitos deles fazem. Quando o Evangelho vem a nós “somente em palavras” ele atinge o intelecto e a compreensão, mas não faz nenhuma impressão real na consciência e no coração. Conseqüentemente, ele produz apenas uma fé fingida e presunçosa, uma fé que

é inferior até mesmo a que os demônios têm, pois eles “creem, e estremecem” (Tiago 2:19). É apenas quando o Evangelho vem a nós “no poder e no Espírito Santo” é que ele é recebido com uma fé verdadeira e salvadora. Quão necessário é, então, testar-nos neste ponto.

Há dois extremos em que os homens caem por falta do correto recebimento da Palavra de Deus. Em um, supõe que possui tanto a vontade e poder de realizar obras de justiça suficientes para recomendar-lhe ao favor de Deus, e por isso se lê que eles têm “zelo... mas não como convém” (Gálatas 4:17). Ele jejua, ora, dá esmola, frequenta a igreja e etc.; e onde ele acha que falha ou fica aquém, ele clama aos méritos de Cristo para suprir a sua deficiência. Isso é apenas tomar um pedaço de veste nova (expição de Cristo) e aplicar em seu manto uma justiça legal, esperando assim apaziguar a consciência pesada. Ele continua suas performances religiosas durante todo o ano, mas nunca alcança um conhecimento vital e experimental do Evangelho. Todo o seu serviço são obras, porém mortas.

O outro extremo é o inverso disso, mas igualmente perigoso. Em vez de labutar ao ponto de cansar-se, estes não se esforçam de maneira alguma. Estando mais ou menos conscientes, visto que todos os homens naturais estão conscientes, que são pecadores, e ouvindo sobre a salvação gratuita por Jesus Cristo, eles prontamente caem nisso, a saber, O recebem em suas mentes, mas não em suas consciências. Uma fé superficial e presunçosa é gerada, e por um único salto eles chegam a uma suposta garantia do Céu. Mas, diz Salomão: “A herança que no princípio é adquirida às pressas, no fim não será abençoada” (Provérbios 20:21). Essas pessoas são grandes oradoras, possuem grande parte de sua liberdade a partir da Lei, mas são eles mesmos escravos do pecado. Elas estão sempre aprendendo, mas nunca podem chegar ao conhecimento da verdade. Elas riem daqueles que têm dúvidas e medos, mas elas próprias têm os maiores motivos de todos para temer.

Agora, em contraste marcante de ambas essas classes, são os que recebem o Evangelho não somente em palavras “mas em poder, e no Espírito Santo”. Este é um caminho do meio entre esses dois extremos, e um caminho que está escondido de todo não-regenerado, pois “o homem natural não compreende as coisas do Espírito de Deus, porque lhe parecem loucura; e não pode entendê-las, porque elas se discernem espiritualmente” (1 Coríntios 2:14). Quando Deus começa a “obra da fé com poder” (2 Tessalonicenses 1:11), e leva a alma neste caminho do meio, ela pode, a princípio nem ver nem compreender isso. Como foi com o pai de todos os que creem, assim é com todos os seus filhos: quando Abraão foi eficazmente chamado, ele “saiu, sem saber para onde ia” (Hebreus 11:8). Os nascidos do Espírito são conduzidos por “veredas que não conheceram” (Isaías 42:16), e até que as trevas sejam transformadas em luz perante eles e as coisas tortas sejam endireitadas, eles não conseguem entender o caminho do Espírito; mas quando isso é feito, então, a estrada é “aplainada” para eles (Isaías 62:10).



Então, a pergunta mais importante é: o Evangelho veio a mim somente em palavras, ou em poder salvador? Se veio somente em palavras, então, ele foi recebido sem angústia, nem tribulação ou aflição de consciência, pois estas são as marcas comuns do poder Divino operando na alma do pecador. Quando a Palavra de Deus vem até nós “em poder”, ela vem como uma “espada de dois gumes” (Hebreus 4:12), tendo o mesmo efeito sobre o coração como uma espada tem quando é empurrada para dentro do corpo. Se a ferida for profunda, a dor e os sofrimentos serão muito intensos. Semelhantemente, quando a Palavra de Deus penetra “até à divisão da alma e do espírito, e das juntas e medulas, e é apta para discernir os pensamentos e intenções do coração”, produz angústia real e aflição profunda. Disse Jó: “Porque as flechas do Todo Poderoso estão em mim, cujo ardente veneno suga o meu espírito; os terrores de Deus se armam contra mim” (6:4). E assim, também, Davi exclamou: “Porque as tuas flechas se cravaram em mim, e a tua mão sobre mim desceu” (Salmos 38:2).

Foi assim na experiência de Paulo. Antes que o Espírito aplicasse a Lei ao seu coração, ele estava vivo aos seus próprios olhos, embora morto aos olhos de Deus; mas quando o mandamento veio a ele no poder Divino, reviveu o pecado, e ele morreu — em sua própria estima (Romanos 7:9). O fato é que ele, como qualquer outro fariseu, supunha que a Lei não ia além do que a letra externa, ao passo que ele se considerava inocente. Mas quando as elevadas demandas da Lei e sua espiritualidade esquadrihadora foram reveladas a ele, e que ela abarcava os próprios pensamentos e intenções do coração, e lhe foram desveladas as profundezas terríveis da depravação que nele havia, mas que antes estavam ocultas. Ele descobriu que a Lei era espiritual, mas ele mesmo era carnal, vendido sob o pecado. Ele descobriu — como pouquíssimos o fazem — que o coração dele estava no mesmo estado descrito por Cristo em Marcos 7:21-22. Ele foi obrigado a acreditar no que Cristo declarou ali, porque agora ele via e sentia o mesmo dentro de si mesmo.

O primeiro ato de fé leva um homem a acreditar que ele está no mesmo estado que a Escritura declara que ele está; em inimizade contra Deus (Romanos 8:7), sendo um filho da ira (Efésios 2:3), sob a maldição de uma Lei violada (Gálatas 3:10), levado cativo pelo Diabo (2 Timóteo 2:26). Um pesado fardo do pecado reside em sua consciência (Salmos 38:4), sendo uma fonte ativa de iniquidade como o mar bravo, lançando de si lama e lodo (Isaías 57:20), que confunde todos os esforços de um braço de carne, trazendo-o em terrível escravidão: “as nossas iniquidades como um vento nos arrebatam” (Isaías 64:6). Ele encontra-se de mãos e pés amarrados com as cordas do seu pecado, e ele clama fervorosamente a Deus para ter piedade dele, e segundo a Sua grande misericórdia, liberte-o. Ele agora não precisa de nenhuma forma estabelecidas de oração, mas de dia e de noite ele clama: “Deus, tem misericórdia de mim, pecador”.

E como é que o Senhor o liberta? Pelo Evangelho vindo até ele “no poder e no Espírito Santo”. Deus expõe a ele em uma nova luz, os sofrimentos e a morte de Seu Filho, por meio de quem Sua justiça foi satisfeita, Sua Lei magnificada, Sua ira aplacada, e foi aberto um caminho de reconciliação entre Deus e os pecadores. É o ofício do Espírito operar a fé no coração e aplicar o sangue expiatório e justiça de Cristo à consciência, pelo que o peso do pecado e da morte é removido, o amor de Deus é feito conhecido, a paz é transmitida para a alma e alegria para o coração. Assim, o mesmo instrumento que feriu, traz a cura. Por isso o apóstolo aqui acrescenta: “Porque o nosso Evangelho não foi a vós somente em palavras, mas também em poder, e no Espírito Santo, e em muita certeza”, isso é, garantia de sua veracidade e autoridade Divina, de sua perfeita adaptabilidade e adequação ao nosso caso, de sua bem-aventurança inefável.

“Lembro-me, também, quando a verdade veio ao meu coração, e me fez saltar com muita alegria, pois ela levou todo o meu fardo para longe; ela me mostrou o poder de Cristo para salvar. Eu conhecia a verdade antes, mas agora eu a sentia. Fui a Jesus, assim como eu estava, eu toquei a orla de Suas vestes, eu fui curado. Encontrei agora que a Palavra não era uma ficção, que era a única realidade. Eu tinha escutado dezenas de vezes, e aquele que falava era como aquele que tocava uma melodia com um instrumento; mas agora Ele parecia estar lidando comigo, colocando Sua mão direita em meu coração. Ele me trouxe primeiro ao trono de juiz de Deus, e ali estava eu e ouvi o barulho dos trovões; então Ele me trouxe para o propiciatório, e eu vi o sangue aspergido sobre ele, e eu fui para casa triunfante porque o pecado foi lavado” (C. H. Spurgeon).

“Sabendo, amados irmãos, que a vossa eleição é de Deus” (1 Tessalonicenses 1:4). Como o apóstolo sabe que esses Tessalonicenses estavam entre os eleitos de Deus? Os próximos versículos nos dizem: pelos frutos visíveis da mesma que ele percebeu neles. Discernindo em suas vidas esses efeitos da graça que foram operadas neles em sua conversão, ele rastreou até o próprio eterno propósito de misericórdia de Deus relativo a eles. E, meu leitor, a maneira pela qual Paulo sabia que os crentes de Tessalônica eram “eleitos desde o princípio para a salvação” (2 Tessalonicenses 2:13) deve ser o método pelo qual cada Cristão, hoje, deve verificar sua eleição de Deus.

“Porque o nosso Evangelho não foi a vós somente em palavras, mas também em poder, e no Espírito Santo” (1 Tessalonicenses 1:5). Tudo depende de como o (verdadeiro) Evangelho é recebido por nós: se é apenas apreendido pelo intelecto, ou se ele realmente atinge a consciência e o coração para somente então ser recebido com uma fé salvadora. Quando a Palavra de Deus vem até nós “em poder”, se trata de “uma espada de dois gumes” — cortando, ferindo, causando dor e angústia profundas. Quando a Palavra vem a nós em



poder não é devido a qualquer erudição ou eloquência do pregador, nem a qualquer compaixão que ele possa empregar. O fato de que as emoções dos seus ouvintes são profundamente tocadas de forma que eles sejam levados às lágrimas, não é prova alguma de que o Evangelho é chegado a eles em termos de eficácia Divina, as paixões da criatura são frequentemente agitadas por atuações no palco e milhares são comovidos a chorar no teatro. Tal emocionalismo superficial é apenas evanescente, não tendo efeitos duradouros e nem espirituais. O teste é saber se estamos quebrantados e prostrados diante de Deus.

O mesmo pensamento é expresso novamente no versículo seguinte, como sendo através deste detalhe especial que nós mais precisamos nos testar: “recebendo a palavra em muita tribulação, com gozo do Espírito Santo” (v. 6). Como isso expõe a inutilidade do “evangelismo” leve e espumoso dos nossos dias! Quão solene é lembrar que Cristo descreveu o ouvinte representado pela terra pedregosa como “o que ouve a palavra, e logo a recebe com alegria; mas não tem raiz em si mesmo” (Mateus 13:20-21). Muito diferente ocorreu com aqueles que foram convertidos no dia de Pentecostes, pois a primeira coisa registrada sobre eles é que “compungiram-se em seu coração” (Atos 2:37). Dores de parto precedem o nascimento e, então, vem a alegria (veja João 16:21). Estas são as perguntas que devem ser consideradas e respondidas diante de Deus: a Palavra me repreendeu e condenou-me? Ela me retirou de minha auto-complacência e justiça própria? Ela abateu as minhas esperanças, e me levou ficar como um criminoso autocondenado diante do propiciatório?

As pessoas vêm ouvir sermões neste lugar e, então saem e dizem: “você gostou?” — como se isso significasse algo para alguém — “você gostou?”. E um diz: “Ah, sim, gostei muito”. E outro diz: “Ah, não tanto”. Você acha que vivemos na respiração de suas narinas? Você acredita que os pregadores, se realmente são dEle, se importam com o que pensam deles? Não, na verdade, mas se por acaso você responder: “eu gostei do sermão”, eles estarão inclinados a dizer: “então nós devemos ter sido infiéis, pois de outra maneira você estaria com raiva, nós devemos ter sido levados por alguma coisa, ou então a Palavra teria cortado sua consciência como as bordas afiadas de uma faca!”. Você teria dito: “eu não penso se gostei ou não — eu estava pensando como eu gostava de mim e sobre o meu estado diante de Deus. Este era o assunto em que refletia, não se o pregador pregava bem, mas se eu estava aceito em Cristo, ou se era um rejeitado”. Meus queridos ouvintes, vocês estão aprendendo a ouvir desse jeito? Se não estão, se ir à igreja ou à capela para vocês é como ir a um jogo, ou como ouvir um orador que fala sobre assuntos temporais, então vocês não têm a evidência da eleição — a Palavra não chegou às vossas almas com poder (C. H. Spurgeon, *Eleição: Defesa e Evidências*, Sermão N° 2920).

Entre as porções citadas acima a partir de 1 Tessalonicenses 1:5-6 há dois outros elemen-

tos: em primeiro lugar, “em muita certeza”. Quando a Palavra vem a nós, no poder de conversão para a alma de um homem, todas as suas dúvidas sobre a sua autenticidade e autoridade são removidas, e ele não precisa de argumentos humanos para convencê-lo de que seu autor é Deus. Todo o ceticismo dos racionalistas e críticos mais elevados será dissipado como a névoa diante do sol nascente, se o Espírito tiver o prazer de aplicar eficazmente a Palavra aos seus corações. Aqueles que têm sido levados a sentir a sua extrema necessidade de Cristo e percebido Sua perfeita adequação à sua condição desesperada, tem “muita certeza” do que o Evangelho afirma sobre Sua Pessoa e obra. Não importa o que tenha sido o caso com eles anteriormente, agora, eles não têm dúvida sobre a Sua Divindade absoluta, Seu nascimento virginal, Sua morte vicária, Sua dignidade preeminente como profeta, sacerdote e rei. Essas coisas muito importantes são estabelecidas para ele, firmadas para sempre e ele declarará a si mesmo de forma positiva e dogmática que chocará a sensibilidade do arrogante.

Mais uma vez, é dito: “E vós fostes feitos nossos imitadores, e do Senhor” [1 Tessalonicenses 1:6]. Aqui está outra marca de eleição: os que são escolhidos pelo Senhor desejam ser como Ele. “E vós fostes feitos nossos imitadores”, não significa que eles disseram: “Eu sou de Paulo, eu sou de Silas, estou de Timóteo”, mas que eles imitaram esses evangelistas eminentes na medida em que eles seguiam o exemplo que Cristo nos deixou. Ah, este é o teste, meus leitores. Será que somos parecidos com Cristo? Ou nós honestamente desejamos ser assim? Então, isso é uma evidência segura de nossa eleição. Será que vivemos de toda a Palavra de Deus (Mateus 4:4)? — Cristo assim o fez. Levamos tudo a Deus em oração? — Cristo assim o fez. Oramos a Deus para abençoar os que nos maldizem? Não é que sejamos sem pecado, ou que sejamos perfeitos; mas nós, embora muitas vezes “de longe”, realmente seguimos a Cristo? Se seguimos, não é ostentação orgulhosa reconhecer isso, nem é auto-justificação derivar daí conforto, contanto que também soframos com nossas muitas deficiências e lamentemos sobre os nossos pecados.

“Com gozo do Espírito Santo”, observe a linguagem qualificadora, não é alegria carnal, mas alegria espiritual. E observe também, que esta conclui a lista, pois reservar o melhor vinho para o final é, geralmente, a maneira de agir do Senhor. Infelizmente, como alguns professores nada sabem, experimentalmente, sobre esta alegria profunda e espiritual. A religião da grande maioria consiste em um atendimento servil a formas em que eles não se deleitam. Quantos vão para algum lugar de adoração, simplesmente porque não é respeitável ficar ausente, ainda que muitas vezes gostariam que fosse. Não é assim com o Cristão, quando ele está em seu juízo perfeito, ele vai cultuar ao Senhor, para ouvir a voz de seu Amado, procurando um sinal de ter seu amor por Ele revigorado, desejando aproveitar o sol de Sua presença. E quando ele é favorecido com a visita de Cristo, ele exclama com Jacó: “Este não é outro lugar senão a casa de Deus”, uma antecipação do Céu [Gênesis 28:17].

E agora na elaboração de uma conclusão de nossas observações sobre este aspecto fascinante do assunto, ainda há um outro versículo em que devemos ponderar: “Portanto, irmãos, procurai fazer cada vez mais firme a vossa vocação e eleição” (2 Pedro 1:10). Essas palavras foram terrivelmente distorcidas por propagadores de erros. Inimigos da verdade perverteram-nas dizendo que elas significam que o decreto Divino sobre a salvação é apenas provisório, condicional aos esforços do próprio pecador. Eles negam que a predestinação de qualquer homem para a vida eterna é absoluta e irrevogável, insistindo que é subordinada à nossa própria diligência pessoal. Em outras palavras, o próprio homem deve decidir e determinar se o desejo de Deus em relação a Ele deve ser realizado ou não. Não somente tal conceito é totalmente estranho ao ensinamento da Sagrada Escritura, mas dizer que a ratificação e realização do propósito eterno de Deus é deixado dependente de algo próprio da criatura, é pura blasfêmia; e se fosse verdade, não apenas tornaria nossa eleição incerta, mas totalmente sem esperança.

“Portanto, irmãos, procurai fazer cada vez mais firme a vossa vocação e eleição”. Estas palavras também têm apresentado um problema real para não poucos do povo de Deus. Eles têm estado dolorosamente perplexos para compreender como alguma diligência da sua parte poderia fazer firme a vocação e eleição de Deus; e mesmo quando essa dificuldade é esclarecida, eles ficam quase perdidos quanto a saber de que forma a sua diligência é proveitosa. Ah, meus amigos, Deus muitas vezes Se expressou nas Escrituras, de tal forma a testar a nossa fé, humilhar os nossos corações e nos levar aos joelhos. Talvez possa proporcionar mais ajuda se nos concentrarmos nos seguintes pontos. Em primeiro lugar, as pessoas em particular aqui abordadas. Em segundo lugar, a ordem incomum de “vocação e eleição. Em terceiro lugar, o que significa o “procurar” aqui requerido. Em quarto lugar, em que sentido nós podemos fazer a nossa vocação e eleição “firme”?

Em primeiro lugar, as pessoas abordadas. Se este princípio simples for apenas devidamente compreendido, que grande quantidade de exposições errôneas seriam evitadas. É a má aplicação da Escritura que é responsável por tanta interpretação defeituosa. Quando o pão dos filhos é lançado aos cachorrinhos, os primeiros são roubados e aos últimos é dado o que eles não conseguem digerir. Tomar uma exortação dirigida aos crentes e apropriar-se dela, ou melhor, apropriar-se indevidamente dela para os incrédulos, é uma ofensa indesculpável, ainda assim, tal coisa muitas vezes tem sido feita com o versículo diante de nós. Não há dificuldade alguma em determinar os destinatários da presente ordem Divina. O versículo de introdução da epístola nos diz que o apóstolo está aqui escrevendo para aqueles que “conosco alcançaram fé igualmente preciosa”, de modo que eles eram crentes; enquanto no próprio versículo eles são denominados “irmãos” e exortados como tais.

Esta exortação, então, é dirigida a santos vivos e não aos pecadores mortos. Ensinar que

o não-regenerado pode fazer algo para garantir a sua vocação e eleição, não é somente uma ignorância colossal, mas isso faz da Palavra de Deus mentira. Quando eles estão pregando uma mensagem Divina, o primeiro dever dos ministros de Deus é traçar definitivamente a linha de demarcação entre a Igreja e o mundo, é a falha neste ponto que faz com que tantos filhos do Diabo reivindiquem o relacionamento com o povo de Deus. Atenção para o contexto sempre deixará claro a quem pertence uma passagem, se aos filhos dos homens, em geral, ou aos filhos de Deus, em particular. A maneira mais simples e mais eficaz de evidenciar isso para seus ouvintes, é que eles delineiem cuidadosamente as características (as marcas de identificação) de um e de outro, observe como o apóstolo seguiu este próprio método nos primeiros quatro versículos da epístola.

Em segundo lugar, a ordem incomum que se encontra aqui: “vossa vocação e eleição”. Embora à primeira vista isso represente uma dificuldade, contudo um estudo mais aprofundado mostrará o que realmente fornece uma importante chave para a abertura desta exortação. O que intriga o leitor atento é que “vocação” vem antes de “eleição”, pois como temos procurado mostrar tão longamente nos capítulos anteriores, o chamado eficaz é a consequência da eleição, como também é a manifestação da mesma. Como Romanos 8:28 declara, os crentes são “chamados segundo o seu propósito”, ou seja, o chamado é o cumprimento do propósito de Deus. Assim também em Romanos 8:30 é dito: “E aos que predestinou a estes também chamou”. Semelhantemente é dito que Deus “nos salvou, e chamou com uma santa vocação; não segundo as nossas obras, mas segundo o seu próprio propósito e graça que nos foi dada em Cristo Jesus antes dos tempos dos séculos” (2 Timóteo 1:9). Por que, então, essas duas coisas estão invertidas na passagem que estamos considerando agora?

Deve ser observado atentamente que Romanos 8:28,30 e 2 Timóteo 1:9 estão tratando dos atos de Deus, ao passo que 2 Pedro 1:10 menciona vocação e eleição, em conexão com a nossa diligência. É somente por devidamente observar tais distinções que nós podemos esperar chegar a um entendimento correto de muitos dos detalhes das Escrituras Sagradas. Em Romanos 8, o apóstolo está propondo doutrina, enquanto que em 2 Pedro 1:10 ele está fazendo uma exortação, e há uma diferença marcante entre essas coisas. Quando os caminhos de Deus estão sendo expostos, eles são apresentados em sua ordem natural ou lógica (como em Romanos 8:30), mas quando a experiência Cristã está sendo tratada, a ordem em que apreendemos a verdade é a que é seguida. Assim, é aqui: devemos ter a certeza de que fomos os destinatários de um chamado eficaz, pois isso, por sua vez, fornecerá a prova da nossa eleição. A ordem dos pensamentos de Deus para conosco foi, eleição e, em seguida, chamado; mas em nossa experiência apreendemos o chamado antes da eleição.

Em terceiro lugar, o que é o “procurar” aqui necessário? Há multidões que imaginam ter

recebido um chamado eficaz de Deus, mas isso é apenas fantasia; em vez de em oração e com diligência dedicarem-se ao dever aqui ordenado, eles se dão o benefício da dúvida. Provavelmente, muitos são bastante sinceros em sua suposição, mas eles estão sinceramente enganados, sendo desviados por seus corações enganosos. Está longe de ser o suficiente adotar a doutrina da eleição como um artigo do nosso credo. Como alguém laconicamente o colocou:

*“Embora a eleição de Deus seja uma verdade,  
Pequeno conforto ali eu vejo,  
Até que me seja dito pela boca do próprio Deus,  
Que Ele me escolheu.”*

E eu não tenho o direito ou autorização para esperar que Ele alguma vez fará tal coisa, até eu ter cumprido com os seus requisitos do versículo agora diante de nós.

Isso a que sou aqui exortado é a primeiro certificar-me de minha “vocação” de Deus. Isso deve ser feito por meio de acumular e fortalecer a minha prova de que eu sou Seu filho, nascido de novo; e que, por sua vez, é realizado por cultivar o caráter e a conduta de um santo. E como isso deve ser alcançado? Ao utilizar os meios de graça que Deus providenciou como a leitura diária das Escrituras com meditação espiritual das mesmas; pela oração secreta e fervorosa por socorro Divino e graça; cultivando a comunhão com o povo de Deus, conforme a Sua providência o permita; mantendo vigilância fiel sobre nossos corações, desaprovando tudo o que é profano; pela estrita negação do eu e mortificação dos nossos membros. Mas receberemos mais ajuda neste momento, se atendemos a algo ainda mais específico no contexto.

Nos versículos 5-7 somos exortados: “E vós também, pondo nisto mesmo toda a diligência, acrescentai à vossa fé a virtude, e à virtude a ciência, e à ciência a temperança, e à temperança a paciência, e à paciência a piedade, e à piedade o amor fraternal, e ao amor fraternal a caridade”. Agora, o versículo 10 expressa o mesmo dever, mas com palavras diferentes. Há um paralelismo marcante neste capítulo, e é observando a repetição (em variação de pensamento) que encontramos a chave principal para o nosso versículo. Nos versículos 5-7 temos uma exortação, e no versículo 8 nos é mostrado o resultado de dar atenção a ele. No versículo 10, também temos uma exortação semelhante, e, em seguida, no verso 11, o resultado de seu cumprimento é mostrado. Assim, o nosso texto deve ser interpretado à luz do seu contexto. Qual é o “procurar” aqui necessário? Do que ele consiste? Os versículos 5-7 nos dizem. É por cultivar as graças espirituais neles mencionadas, de modo que eu possa verificar a minha vocação e eleição.



Em quarto lugar, em que sentido devemos fazer a nossa vocação e eleição “firme”? Primeiro, observe que não é “segura”, elas já estão asseguradas para cada santo pela imutabilidade do propósito Divino, pois “os dons e a vocação de Deus são sem arrependimento” (Romanos 11:29). Isso não é fazer a nossa vocação e eleição firme em relação a Deus, mas em relação ao homem. Nem é algo futuro que está aqui em vista, é o gozo presente para nós mesmos de nossa vocação e eleição, e o evidenciar da mesma aos nossos irmãos. Ao prestar atenção à exortação dos versículos 5-7 devo provar a minha vocação e eleição, e demonstrar as mesmas para a Igreja. Um homem pode me dizer que acredita na eleição e está seguro que ele foi chamado por Deus, mas a menos que eu possa ver em seu caráter e conduta as graças espirituais dos versos 5-7, então eu tenho que dizer a ele (como Paulo disse aos Gálatas). “Estou perplexo a vosso respeito” [Gálatas 4:20]. Aqui, então, está o significado: façam firmes sua vocação e eleição em sua própria consciência, e demonstrem isso aos outros através do bom caráter da sua profissão de fé, por viver como um filho de Deus.

Finalmente, duas consequências de cumprir essas exortações são apontadas. Em primeiro lugar, “porque, fazendo isto, nunca jamais tropeçareis” (v. 10). Aqueles que empregam toda a diligência para cultivar as graças espirituais mencionadas nos versos 5-7 (tornando assim a sua vocação e eleição firme, tanto para si mesmos e para seus irmãos), nunca cairão do lugar de comunhão com Deus; nunca cairão da verdade em falsa doutrina e erro; nunca cairão em pecados graves, e assim desonrar sua profissão Cristã; nunca cairão em um estado de apostasia, de modo que eles percam seu gosto pelas coisas espirituais; nunca cairão sob a dolorosa disciplina de Deus; nunca cairão em um desânimo, de modo a perder toda a segurança; nunca cairão em uma condição de inutilidade espiritual. Mas, em segundo lugar, “Porque assim vos será amplamente concedida a entrada no reino eterno de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo” (v. 11), isso, experimentalmente, aqui, e plena e honrosamente no futuro. Este é o resultado e a recompensa de “procurar”, a palavra grega para “concedida” no versículo 11 é a mesma que “acrescentai” no verso 5!

E agora, em resumo. Como pode um crente verdadeiro saber se ele é um dos eleitos de Deus? Ora, o próprio fato de que ele é um Cristão genuíno o evidencia, pois uma crença em Cristo é a consequência segura de Deus tê-lo ordenado para a vida eterna (Atos 13:48). Porém, para ser mais específico. Como posso conhecer a minha eleição? Em primeiro lugar, pela Palavra de Deus tendo chegado em poder Divino à alma, de forma que a minha auto-complacência é quebrada e minha justiça própria renunciada. Em segundo lugar, pelo Espírito ter me convencido de minha condição lamentável, de culpado e perdido. Em terceiro lugar, por ter me revelado a adequação e suficiência de Cristo para atender o meu caso desesperado, e por uma concessão Divina de fé, levando-me a lançar mão de e descansar sobre Ele como minha única esperança. Em quarto lugar, pelas marcas da nova

natureza dentro de mim: o amor a Deus, um apetite pelas coisas espirituais, um anelo por santidade, uma busca por conformidade com Cristo. Em quinto lugar, pela resistência que a nova natureza faz à velha natureza, levando-me a odiar o pecado e abominar-me por isso. Em sexto lugar, por diligentemente evitar tudo o que é condenado pela Palavra de Deus, e por sinceramente arrepender-me e humildemente confessar cada transgressão. A falha neste ponto mui certa e rapidamente trará uma nuvem escura sobre a nossa segurança, fazendo com que o Espírito retenha o Seu testemunho. Em sétimo lugar, empregando toda a diligência para cultivar as graças Cristãs, e usando todos os meios legítimos para essa finalidade. Assim, o conhecimento da eleição é cumulativo.

*Sola Scriptura!*  
*Sola Gratia!*  
*Sola Fide!*  
*Solus Christus!*  
*Soli Deo Gloria!*



# OUTRAS LEITURAS QUE RECOMENDAMOS

Baixe estes e outros e-books gratuitamente no site [oEstandarteDeCristo.com](http://oEstandarteDeCristo.com).

- 10 Sermões — R. M. M'Cheyne
- Adoração — A. W. Pink
- Agonia de Cristo — J. Edwards
- Batismo, O — John Gill
- Batismo de Crentes por Imersão, Um Distintivo Neotestamentário e Batista — William R. Downing
- Bênçãos do Pacto — C. H. Spurgeon
- Biografia de A. W. Pink, Uma — Erroll Hulse
- Carta de George Whitefield a John Wesley Sobre a Doutrina da Eleição
- Cessacionismo, Provando que os Dons Carismáticos Cessaram — Peter Masters
- Como Saber se Sou um Eleito? ou A Percepção da Eleição — A. W. Pink
- Como Ser uma Mulher de Deus? — Paul Washer
- Como Toda a Doutrina da Predestinação é corrompida pelos Arminianos — J. Owen
- Confissão de Fé Batista de 1689
- Conversão — John Gill
- Cristo É Tudo Em Todos — Jeremiah Burroughs
- Cristo, Totalmente Desejável — John Flavel
- Defesa do Calvinismo, Uma — C. H. Spurgeon
- Deus Salva Quem Ele Quer! — J. Edwards
- Discipulado no Tempo dos Puritanos, O — W. Bevins
- Doutrina da Eleição, A — A. W. Pink
- Eleição & Vocação — R. M. M'Cheyne
- Eleição Particular — C. H. Spurgeon
- Especial Origem da Instituição da Igreja Evangélica, A — J. Owen
- Evangelismo Moderno — A. W. Pink
- Excelência de Cristo, A — J. Edwards
- Gloriosa Predestinação, A — C. H. Spurgeon
- Guia Para a Oração Fervorosa, Um — A. W. Pink
- Igrejas do Novo Testamento — A. W. Pink
- In Memoriam, a Canção dos Suspiros — Susannah Spurgeon
- Incomparável Excelência e Santidade de Deus, A — Jeremiah Burroughs
- Infinita Sabedoria de Deus Demonstrada na Salvação dos Pecadores, A — A. W. Pink
- Jesus! — C. H. Spurgeon
- Justificação, Propiciação e Declaração — C. H. Spurgeon
- Livre Graça, A — C. H. Spurgeon
- Marcas de Uma Verdadeira Conversão — G. Whitefield
- Mito do Livre-Arbitrio, O — Walter J. Chantry
- Natureza da Igreja Evangélica, A — John Gill
- Natureza e a Necessidade da Nova Criatura, Sobre a — John Flavel
- Necessário Vos é Nascer de Novo — Thomas Boston
- Necessidade de Decidir-se Pela Verdade, A — C. H. Spurgeon
- Objeções à Soberania de Deus Respondidas — A. W. Pink
- Oração — Thomas Watson
- Pacto da Graça, O — Mike Renihan
- Paixão de Cristo, A — Thomas Adams
- Pecadores nas Mãos de Um Deus Irado — J. Edwards
- Pecaminosidade do Homem em Seu Estado Natural — Thomas Boston
- Plenitude do Mediador, A — John Gill
- Porção do Ímpios, A — J. Edwards
- Pregação Chocante — Paul Washer
- Prerrogativa Real, A — C. H. Spurgeon
- Queda, a Depravação Total do Homem em seu Estado Natural..., A, Edição Comemorativa de Nº 200
- Quem Deve Ser Batizado? — C. H. Spurgeon
- Quem São Os Eleitos? — C. H. Spurgeon
- Reformação Pessoal & na Oração Secreta — R. M. M'Cheyne
- Regeneração ou Decisionismo? — Paul Washer
- Salvação Pertence Ao Senhor, A — C. H. Spurgeon
- Sangue, O — C. H. Spurgeon
- Semper Idem — Thomas Adams
- Sermões de Páscoa — Adams, Pink, Spurgeon, Gill, Owen e Charnock
- Sermões Graciosos (15 Sermões sobre a Graça de Deus) — C. H. Spurgeon
- Soberania da Deus na Salvação dos Homens, A — J. Edwards
- Sobre a Nossa Conversão a Deus e Como Essa Doutrina é Totalmente Corrompida Pelos Arminianos — J. Owen
- Somente as Igrejas Congregacionais se Adequam aos Propósitos de Cristo na Instituição de Sua Igreja — J. Owen
- Supremacia e o Poder de Deus, A — A. W. Pink
- Teologia Pactual e Dispensacionalismo — William R. Downing
- Tratado Sobre a Oração, Um — John Bunyan
- Tratado Sobre o Amor de Deus, Um — Bernardo de Claraval
- Um Cordão de Pérolas Soltas, Uma Jornada Teológica no Batismo de Crentes — Fred Malone





## 2 Coríntios 4

<sup>1</sup> Por isso, tendo este ministério, segundo a misericórdia que nos foi feita, não desfalecemos;  
<sup>2</sup> Antes, rejeitamos as coisas que por vergonha se ocultam, não andando com astúcia nem falsificando a palavra de Deus; e assim nos recomendamos à consciência de todo o homem, na presença de Deus, pela manifestação da verdade. <sup>3</sup> Mas, se ainda o nosso evangelho está encoberto, para os que se perdem está encoberto. <sup>4</sup> Nos quais o deus deste século cegou os entendimentos dos incrédulos, para que lhes não resplandeça a luz do evangelho da glória de Cristo, que é a imagem de Deus. <sup>5</sup> Porque não nos pregamos a nós mesmos, mas a Cristo Jesus, o Senhor; e nós mesmos somos vossos servos por amor de Jesus. <sup>6</sup> Porque Deus, que disse que das trevas resplandecesse a luz, é quem resplandeceu em nossos corações, para iluminação do conhecimento da glória de Deus, na face de Jesus Cristo. <sup>7</sup> Temos, porém, este tesouro em vasos de barro, para que a excelência do poder seja de Deus, e não de nós. <sup>8</sup> Em tudo somos atribulados, mas não angustiados; perplexos, mas não desanimados. <sup>9</sup> Perseguidos, mas não desamparados; abatidos, mas não destruídos; <sup>10</sup> Trazendo sempre por toda a parte a mortificação do Senhor Jesus no nosso corpo, para que a vida de Jesus se manifeste também nos nossos corpos; <sup>11</sup> E assim nós, que vivemos, estamos sempre entregues à morte por amor de Jesus, para que a vida de Jesus se manifeste também na nossa carne mortal. <sup>12</sup> De maneira que em nós opera a morte, mas em vós a vida. <sup>13</sup> E temos portanto o mesmo espírito de fé, como está escrito: Cri, por isso falei; nós cremos também, por isso também falamos. <sup>14</sup> Sabendo que o que ressuscitou o Senhor Jesus nos ressuscitará também por Jesus, e nos apresentará convosco. <sup>15</sup> Porque tudo isto é por amor de vós, para que a graça, multiplicada por meio de muitos, faça abundar a ação de graças para glória de Deus. <sup>16</sup> Por isso não desfalecemos; mas, ainda que o nosso homem exterior se corrompa, o interior, contudo, se renova de dia em dia. <sup>17</sup> Porque a nossa leve e momentânea tribulação produz para nós um peso eterno de glória mui excelente; <sup>18</sup> Não atentando nós nas coisas que se veem, mas nas que se não veem; porque as que se veem são temporais, e as que se não veem são eternas.